

Teoria e Revolução

Patrick Berger

Os problemas concernentes à revolução que queremos são também problemas teóricos. A separação entre teoria e prática revolucionárias é impossível no marxismo, tendo em vista que a teoria é parte da prática revolucionária e seu objetivo é a revolução proletária. Ela mesma é uma prática, desde que esta não seja vista sob a forma pobre que os praticistas a concebem. Isso deve ser visto de forma não superficial. Para uma concepção superficial, a prática revolucionária significa panfletar nas portas das fábricas, o ativista se tornar um operário, empreender embates com os aparelhos repressivos nas ruas, levantar barricadas. Essa concepção simplista e superficial é não dialética, pois não só não percebe a totalidade como também entende a suposta prática revolucionária numa perspectiva individualista, praticista e fora da luta de classes. Assim, a superação dessa consciência equivocada é necessária e faz parte da luta revolucionária.

Para superar tal consciência equivocada, um bom ponto de partida é discutir suas origens. As pessoas que nascem na nossa sociedade, ou seja, no capitalismo, possuem uma consciência fenomenológica e, quando adentram nas universidades e possuem ao acesso ao saber técnico, especializado, científico, geralmente passam para uma consciência ideológica. A consciência fenomenológica é a que capta apenas as aparências dos fenômenos e se sente à vontade no seu interior, pois parece corresponder à realidade e ainda está de acordo com as tradições ou ao “espírito da época” (Hegel). Logo, a consciência fenomenológica é tendencialmente conservadora. A sua versão tradicionalista é mais perceptivelmente conservadora devido o seu apego às tradições e concepções do passado. A sua versão “epocal” parecer ser progressista, crítica, “revolucionária”, “inovadora”, por reproduzir as novas tendências da consciência fenomenológica e ideológica. A consciência fenomenológica, em qualquer de suas

tendências, é falsa e conformista, seu conteúdo não ultrapassa a aparência enganadora dos fenômenos e ela gera o conformismo. Inclui-se aí o conformismo ativista, que é aquele que prega o ativismo, mas dentro da conformidade capitalista, não ultrapassando seus limites.

Os indivíduos revolucionários nascem nesse mundo, nessa sociedade. Logo, não escapam dela, como alguns ingenuamente pensam. Sendo assim, esses indivíduos começam seu processo de ruptura a partir da consciência fenomenológica, seja sob a forma de rebeldia, individualismo, entre outras possibilidades. Isso gera uma consciência fenomenológica crítica, contestadora, mas ainda nos limites impostos por suas características próprias. Os proletários estão envolvidos nessa mesma dinâmica.

Os indivíduos revolucionários (ou melhor, uma parte deles) buscam superar a consciência fenomenológica e isso ocorre via estudos e pesquisas, acesso a informações, autores, livros, concepções diversas. Em parte o processo de escolarização oferece alguns elementos para tal processo se concretizar, embora apontando para uma consciência ideológica. Os indivíduos revolucionários então passam a aderir a determinadas doutrinas ou ideologias. Uma grande parte desses indivíduos, especialmente os mais jovens, preferem a ação imediata e esse imediatismo e ativismo, geralmente prejudica o estudo e aprofundamento, além de certa recusa em leituras e processos de reflexão mais amplos. Daí algumas doutrinas e concepções serem extremamente atrativas, por sua simplicidade e facilidade. Algumas ideias-chave são a base para a ação política daqueles que realizam essa opção. O anarquismo, o guevarismo, maoísmo e outras doutrinas são as mais atrativas, por serem mais simples e pregar o voluntarismo. Até mesmo elas, em muitos casos, são geralmente conhecidas de forma superficial, pois possuem tal atrativo. Não existem grandes dúvidas ou questões para se discutir, basta seguir a receita no livro sagrado que diz quem é o bem e quem é o mal e pronto.

Outros preferem aprofundar, alguns se aproximam do marxismo (de Marx, que é a versão mais complexa dessa teoria) ou de ideologias “críticas” em evidência, como o situacionismo. O caso do situacionismo é exemplar. É o mesmo caso anterior: indivíduos com grande vontade revolucionária, movidos por sentimentos nobres, que

acabam se autolimitando por aderir a doutrinas limitadas. O situacionismo aparentemente é muito complexo, derivado de suas produções filosóficas extremamente abstratas, mas, basta retirar o que ele tem de essencial e deixar de lado os enfeites especulativos, para ver que ele é bem simples e tão maniqueísta quanto as demais doutrinas citadas. Ele reduz o campo de luta a dois lados, perdendo a complexidade do real, e explica tudo a partir de uma fórmula: o espetáculo. As suas práticas são o escândalo, o espetáculo, entre outras formas espetaculares e tão limitadas e cuja contribuição para o processo revolucionário é mínimo ou nenhum. É mínimo quando o contexto social é favorável para rebeliões e as estripulias dos situacionistas podem desencadear alguma coisa. Quando o período é desfavorável, sobram apenas alguns perseguidos, presos, exóticos, e nada mais.

As formas ideológicas que influenciam os trabalhadores, jovens, intelectuais, acabam sendo um elemento de contrarrevolução. Isso acontece porque as ideias são elementos da realidade que exercem influência sobre ela, bem como é produtora de táticas, estratégias, decisões, ações. Os seres humanos são seres pensantes e o erro no pensamento gera o erro na ação. Os “revolucionários” que usam ideologias ou então doutrinas equivocadas são como um cozinheiro que quer fazer bolo de chocolate e usa receita de bolo de baunilha. Esses “revolucionários” pensam contribuir com a revolução mas estão fazendo bolo de baunilha. Uma consciência equivocada gera atos equivocados, o que é um truísmo. As falsas teorias, as ideologias, devem ser evitadas e superadas, sob pena de contribuir com a reprodução da sociedade existente e fazer o contrário do que se pretende fazer. As ideologias possuem um vínculo inquebrantável com a falsidade, pois expressa os interesses da classe dominante. É por isso que o senso crítico é um elemento fundamental no processo de luta revolucionária, ao lado da contextualização histórica, da percepção dos interesses por detrás das produções culturais e intelectuais. As ideologias “revolucionárias”, doutrinas equivocadas, entre outras produções culturais que supostamente se aliam ao movimento revolucionário, são elementos de contrarrevolução que se infiltra no próprio processo da luta revolucionária.

A teoria, por sua vez, possui um vínculo inquebrantável com a verdade. É por isso que os pensadores revolucionários nunca foram muito populares, a não ser em

determinados círculos, em certos momentos (geralmente de ascensão das lutas, na qual as classes em rebelião encontram no pensamento revolucionário a chave para sua libertação), após a morte (e deformação das ideias), etc. Mesmo os pensadores burgueses quando elaboraram ideias inovadoras foram vítimas de ataques dos conservadores e de parte da população, como Darwin e Freud. A verdade, numa sociedade na qual reina a mentira, incomoda e é recusada. No caso da teoria, ela deve dizer a verdade indesejada até para possíveis aliados, como anarquistas, feministas, situacionistas, extremistas de todo tipo, entre outros. Permitir o erro é tão problemático quanto praticá-lo.

A teoria é, assim, fundamental para o processo revolucionário. Para a grande leva de trabalhadores que lutam por uma nova sociedade em épocas de radicalização das lutas de classes, ela é necessária, apesar de seu difícil acesso. Uma revolução sem teoria está fadada ao fracasso. Mesmo após a vitória do processo revolucionário e derrota da antiga classe dominante e todos que a apoiam, sem teoria a revolução será fatalmente derrotada. Para explicar esse processo é preciso então analisar mais detidamente as afirmações anteriores: relação entre teoria e indivíduos/grupos revolucionários; relação entre teoria e proletariado (e o conjunto dos seus aliados, incluindo classes, grupos, indivíduos), teoria e autogestão.

A importância da teoria se revela no seu vínculo com a verdade e na sua capacidade de compreensão das relações sociais reais (o que inclui o processo de luta de classes), a crítica das ideologias e ilusões, bem como a previsibilidade ao ter consciência das possibilidades e tendências, indo além da aparência dos fenômenos, aos quais a consciência fenomenológica se acomoda facilmente. Assim esclareceu Ernst Bloch:

A relação estabelecida pelo marxismo entre teoria e práxis mantém, como práxis, o primado da verdade, conclamada à ação. E esta relação não diminui tal primado, mas o mantém com maior cuidado do que a contemplação. Se o saber aqui se direciona para o útil, só é útil, e como tal deve ser mantido, o que é verdadeiro. Nada é mais estranho à relação militante entre teoria e prática do que o pragmatismo dos burgueses ou o praticismo dos marxistas vulgares... O marxismo não permite que a práxis dê um passo sequer, sem ter antes prestado homenagem à teoria, isto é, ao saber objetivo da situação, das tendências, leis, ao conteúdo humano em sua totalidade. Se fosse diferente, o marxismo não seria um guia para a ação

concreta mais adequado ao processo mundial, o proletariado perderia sua melhor arma e o inimigo não teria necessidade de temer a realidade, nem de falsificá-la ou proibi-la. A teoria, em relação inseparável com a práxis revolucionária, que é o que interessa em última instância, não é, pois, nada mais que a verdade em ação, transformação do mundo na medida do saber que se conseguiu adquirir. Tal teoria nada tem a ver com intelectualismo; em seus pressupostos e objetivos, ela é militante, afeto pelo ser compreendido. Portanto, a posição militante marxista coincide necessariamente com a verdade (Ernst Bloch, *Ensaio Filosófico sobre Fantasia Objetiva*, Obras Completas, vol. 10, p. 341).

Marx, em seu primeiro texto no interior do materialismo histórico, embora ainda em formação, deixou bem claro que a relação entre pensamento revolucionário e realidade. O pensamento deve expressar as necessidades geradas pela realidade (no caso, as necessidades radicais do proletariado, a classe revolucionária de nossa época). A revolução não pode surgir de um pensamento descolado da realidade, que não seja expressão de necessidades reais de seres humanos igualmente reais. É por isso que Marx identificou no proletariado a classe revolucionária de nosso tempo. O pensamento revolucionário deve, portanto, compreender a totalidade da sociedade burguesa (seus processos sociais, suas formas de reprodução, suas crises e tendências, etc.) e as necessidades do proletariado como classe social desumanizada e que necessita se reumanizar. A reumanização só pode ocorrer através da superação do capitalismo e o proletariado vivendo nessa sociedade, como classe em-si, não passa de uma potencialidade. A passagem da potencialidade para a efetividade, quando se torna classe para-si, sob forma independente, autônoma e coletiva, é o que o torna revolucionário e reumanizador. A passagem de uma para a outra ocorre via a luta. A famosa “luta de classes” é o meio para a constituição do proletariado como classe efetivamente revolucionária. O pensamento deve, então, ser antecipador (como enfatizou Bloch), ou seja, deve antecipar esse processo, se tornando expressão não do proletariado potencialmente revolucionário, mas do efetivamente revolucionário. É pensar o presente com a perspectiva do futuro. Sem se afastar do presente, através de sua negação.

Nos momentos não-revolucionários, é necessário trabalhar para a passagem da classe reafirmadora do capital, mas potencialmente revolucionária, para classe negadora do capital e isto significa realizar a ponte entre o presente e o futuro. Atuamos no presente com a perspectiva do futuro, mas levamos em conta o presente, pois é neste

que se define aquele. As necessidades cotidianas e presentes do proletariado e seus aliados devem ser levadas em consideração por serem motivações para a luta. Este é o objetivo, a luta direta do proletariado que lhe permite se tornar revolucionário, criando suas formas de organização, desenvolvendo sua consciência. Nos momentos revolucionários, a realidade reforça a teoria e se esta consegue trabalhar as necessidades ampliadas do momento, exerce força real.

A teoria tem um papel fundamental nos momentos não-revolucionários, pois ela pode reforçar a tendência proletária em diversos setores da sociedade, aglutinar revolucionários, gerar elementos de propaganda e difusão de concepções revolucionárias, mesmo que sob formas mais simples, além de realizar a crítica das ideologias e ilusões e ajudar no processo de compreensão do capitalismo em seu desenvolvimento e contradições. A sua força reside em sua solidez intelectual e em sua influência real, embora esta sempre seja menor nesse período e depende da dinâmica da luta de classes. Assim, a teoria adquire importância quando expressa um movimento revolucionário e se fortalece com o seu fortalecimento. Mas ela também faz parte desse processo de fortalecimento. Da mesma forma, o avanço da teoria e daqueles vinculadas a ela, age direta e indiretamente na luta proletária, reforçando a tendência autogestionária no seu interior.

A teoria é, assim, parte da luta de classes. Ela é parte da luta proletária e deve se fundir com ela. Nos momentos não-revolucionários, esse processo de fusão teoria-movimento proletário é esporádico, contraditório, marcado por avanços e recuos. Isso ocorre devido à perspectiva do futuro presente na teoria e seu compromisso com a verdade, que desagrade e encontra obstáculos em diversos setores da sociedade, incluindo os burocráticos e outros, bem como vai contra a consciência fenomenológica da maioria do proletariado. Sem dúvida, uma formação teórica sólida e uma percepção mais aguda das necessidades imediatas e sua ligação com as necessidades mais profundas, facilita o processo de superação dessa tendência, mas isso precisa ser reforçado pela atuação efetiva de indivíduos revolucionários reais, o que é outra dificuldade na sociedade atual. A teoria, portanto, tem um papel fundamental na prática revolucionária antecipadora. Uma prática só pode ser antecipadora e autenticamente

revolucionária se baseada numa teoria que consiga realizar a fusão entre presente e futuro, realizando a negação do presente a partir da perspectiva do futuro. Essa é a única *práxis revolucionária* possível, unidade entre teoria e prática revolucionária, presente e futuro.

O vínculo da teoria com a revolução ocorre antes da revolução. Ela começa por ser uma revolução teórica, que ultrapassa não apenas a consciência fenomenológica como também o mundo das ideologias e concepções dominantes. Isso, sem dúvida, provoca um certo isolamento da teoria e seus responsáveis. As variações no grau de isolamento ou as possibilidades de sua superação dependem do grau de compromisso e militância, da qualidade, quantidade e força da produção teórica, da capacidade de divulgação, do número de pessoas engajadas, entre diversas outras determinações internas do movimento revolucionário, mas também externas, como o clima social, as lutas operárias e sociais em geral, as crises, etc. A ascensão de uma tende a reforçar a outra e uma é gerada externamente ao movimento revolucionário e portanto o seu foco deve ser no aspecto interno, pois é neste âmbito que pode fortalecer a luta e assim reforçar as condições externas e a tendência da revolução proletária.

A ascensão da luta proletária tende a fortalecer, tanto em quantidade quanto em qualidade, a produção teórica e seu impacto na sociedade. Nesse momento, muitos simpatizantes apáticos, céticos, tendem a reforçar a luta e aumentar as fileiras do movimento revolucionário. A mobilização popular tende a fortalecer e ser fortalecida por esse processo. Quando isso ocorre em uma situação pré-revolucionária ou revolucionária se multiplica com velocidade enorme e possibilita a fusão entre teoria e luta proletária, elemento fundamental para a vitória do processo revolucionário. Novas questões e novas respostas são apresentadas e quanto maior a capacidade teórica (em termos de indivíduos, formação anterior, quantidade, qualidade), mais se contribui com esse processo¹.

¹ Por exemplo, o desenvolvimento de teorias da burocracia, da contrarrevolução, da corrupção, das formas burguesas de repressão, contribui sobremaneira com o prosseguimento da luta. Em certas experiências históricas do passado, a ausência desse saber facilitou a contrarrevolução. Certas tendências que se autoproclamam “revolucionárias”, mas que se aliam com forças contrarrevolucionárias, mesmo em momentos não-revolucionários, apenas mostram sua fragilidade intelectual e ausência de consciência teórica, bem como da importância das ações atuais para as lutas

A teoria faz parte da luta e a luta faz parte da teoria. Elas se reforçam reciprocamente. Claro que o desânimo, ceticismo, pessimismo, são motivos para abandono da luta e descuido com a teoria. No entanto, isso apenas mostra debilidade teórica: as lutas presentes (incluindo a teoria) são importantes para as lutas futuras, elas reforçam tendências. Assim, milhões de ações desenvolvidas hoje tem impacto sobre o amanhã. Um apoio e um ato de solidariedade aos militantes revolucionários e lutas proletárias, um panfleto escrito, um livro produzido, uma organização criada, um debate ou mesmo uma conversa, apontando para a verdade, a luta sincera pela transformação social, reforçam uma tendência. A produção teórica tem esse papel, pois mesmo que uma contribuição de um artigo excelente ou um ótimo livro que revele elementos da realidade que não tenha a divulgação e aceitação merecida, pois sempre entra em embates com determinados interesses, acaba contribuindo com a luta ao atingir poucos indivíduos e poder ser retomada quando as necessidades da luta exigirem um saber já produzido.

É por isso que a afirmação de Brecht é verdadeira: “existem aqueles que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis”. É preciso, portanto, apoiar os lutadores, mesmo os mais céticos e apáticos, quando tomam uma atitude revolucionária. É preciso solicitar que eles passem para uma ação mais constante, mas quanto mais ações esporádicas e indivíduos atuantes em poucas oportunidades melhor, mesmo porque, eles podem passar desse estágio para um outro mais intenso e produtivo. O desenvolvimento da consciência é uma das determinações desse processo e a produção e difusão da teoria é possui um significado importante nesse processo. Assim, é fundamental realizar uma luta fundada na fusão teoria-prática e produzir, divulgar, reforçar a teoria é uma de suas formas principais.

futuras. Isso ocorre nas forças políticas mais frágeis teoricamente, tal como setores do anarquismo que se aliam até com leninistas, mostrando sua incompreensão da dinâmica da luta de classes e imediatismo. Esse tipo de ação mostra um objetivo imediatista de certas correntes anarquistas de sair do isolamento (o que por si mesmo já mostra não entender o processo revolucionário e a luta de classes em épocas não-revolucionárias) e serve, principalmente, para revigorar e legitimar o leninismo, reforçando assim a burocracia no interior das lutas sociais. Isso é mais comum no anarcossindicalismo, no seu apego a uma instituição da sociedade burguesa (os sindicatos) e nisso se aproxima ao leninismo, que, como tendência contrarrevolucionária, se aquartela em duas instituições burguesas, os partidos e sindicatos.

Nos momentos revolucionários, a teoria torna-se fundamental, pois ela é o guia de ação do movimento revolucionário. Sem teoria, não há estratégia, percepção dos perigos da contrarrevolução, embasamento sólido para as decisões e ações. Sem uma teoria da burocracia, dificilmente se poderá compreender o caráter contrarrevolucionário do leninismo, pois se pode pensar que se trata apenas de decisões individuais, dos “grandes indivíduos”, da concepção política, ao invés de relações sociais reais e atuantes, que, uma vez desencadeadas, possuem dinâmica e tendências que só podem ser ultrapassadas com sua superação. A burocracia é uma relação social e, por conseguinte, não é um problema de indivíduos. Na mitologia bolchevique, como no seu oposto, o anarquismo, o problema é na maioria das vezes dos indivíduos. Stálin aparece como o grande mal e seus adeptos, assim como, para outras posições políticas, isso cabe a Lênin ou Trotsky. Sem dúvida, esses indivíduos tiveram um papel importante na constituição e reprodução da burocracia, mas isto já era previsível observando a biografia e as alianças e concepções defendidas. O fundamental, no entanto, é perceber, além a responsabilidade do trio bolchevique no processo de burocratização, que a criação de uma máquina burocrática significa reprodução de burocratas, interesses, processos, que escapam do domínio dos criadores (mesmo se eles quisessem romper com ela, mas nunca quiseram, no máximo, se colocaram contra seus excessos ou contra a direção da máquina por outros). Uma teoria da burocracia nos permite superar as ilusões com as organizações burocráticas, tanto as solidificadas quanto as embrionárias (que levam ao mesmo caminho). Sem teoria da revolução e da contrarrevolução, a revolução é enfraquecida e a contrarrevolução é fortalecida.

Assim, nos momentos revolucionários, a teoria é fundamental. Sua importância cresce mais ainda e se torna uma das determinações da vitória ou derrota da revolução proletária. Contudo, as teorias não são produzidas da noite para o dia. Devido seu caráter estruturado e fundamentado, necessita pesquisa, tempo de dedicação. O momento revolucionário exige tomadas de decisões em curto período de tempo, reações imediatas, propaganda intensa e rápida. É isso que serve para entender mais um motivo da teoria ser importante em períodos não-revolucionários, que é quando há mais tempo para a reflexão, pesquisa, produção teórica. Uma ampla produção teórica num momento

pré-revolucionário é fundamental. Sem dúvida, indivíduos com grande formação teórica, poderão compreender e refletir determinado processo com rapidez e elaborar panfletos, textos, discursos, com solidez e acerto. Outros, no entanto, mesmo estando em organizações revolucionárias, terão dificuldades para fazer isso da mesma forma. Poderão produzir panfletos, mas sua formação teórica limitada poderá gerar imprecisões, indefinições, equívocos, e assim ao invés de contribuir para o esclarecimento da população, criar mais confusão e indecisão.

É por isso que uma das questões fundamentais do movimento revolucionário é a questão da formação teórica. Em períodos não-revolucionários, é um elemento fundamental. É preciso produzir e divulgar teoria, fazer os militantes avançarem o máximo possível (tendo em vista suas condições e possibilidades), aumentando o número de elaboradores de teoria e divulgadores da mesma. Da mesma forma, divulgar e generalizar, mesmo sob forma mais simplificada, a teoria revolucionária num espectro mais amplo possível da população, especialmente das classes opostas ao capital. Se esse trabalho é efetivado com relativo sucesso no momento não-revolucionário, o preparo e força do movimento revolucionário no período revolucionário se veem reforçados e assim a luta ganha maior possibilidade de vitória.

O proletariado, como classe revolucionária, deve ser um alvo fundamental para formação e propaganda. Pois é nesta classe que o interesse pela revolução é uma necessidade inerente e é, ao mesmo tempo, a que a classe dominante evita uma formação mais profunda, bem como nas classes potencialmente aliadas do mesmo. Assim, a teoria deve ser acessível e indivíduos proletários podem ser seus elaboradores e divulgadores, mas isso se torna mais fácil em momentos revolucionários. De qualquer forma, é necessário, mesmo que num nível mais rudimentar, divulgar a teoria revolucionária junto às classes exploradas.

Após a vitória da revolução proletária, a teoria revolucionária continua tendo importância fundamental. Num primeiro momento, ela contribui para evitar a contrarrevolução, pensar a autogestão e nas diversas questões sociais que emergem na constituição de uma nova sociedade, refletir sobre as formas mais adequadas, humanas e avançadas de produção de bens materiais e reprodução da vida social em sua totalidade,

analisar a dinâmica da autogestão generalizada, sendo expressão consciente da realidade que possibilita a organização consciente da vida humana. Em síntese, a sociedade comunista ou a autogestão social é o reino da razão emancipadora.

A constituição de uma nova sociedade, sob a forma planejada e autogerida, não mais comandada pela dinâmica da acumulação de capital, pela dominação de classe, pressupõe uma socialização do saber. O saber teórico deixa de ser privilégio de alguns e passa a ser acessível a todos. Os especialistas no trabalho intelectual deixam de existir e em seu lugar os produtores associados deverão possuir uma ampla formação intelectual e domínio do saber técnico e teórico. Inclusive para que a decisão coletiva não seja definida por uma minoria ou que ela não seja o domínio da ignorância (e das catástrofes que isso pode gerar), é necessário uma ampla socialização do saber técnico e teórico.

Esse saber teórico socializado não é o mesmo da sociedade capitalista. Em primeiro lugar, a heterogeneidade de milhares de ideologias conflitantes é substituída pela homogeneidade de uma teoria que é produzida e desenvolvida coletivamente, livre dos limites do Estado, mercado, competição social, burocracia, interesses conflitantes (de classes e outras subdivisões). Ao invés da confusão intelectual generalizada, o que se socializa é um desenvolvimento da consciência jamais visto na história da humanidade. A liberdade de pensamento e opinião serão realidades e não privilégios de minorias, mas as necessidades sociais, o compromisso com a verdade, o interesse coletivo, são as bases do novo saber teórico, que é um desenvolvimento e adaptação do anterior, isto é, da teoria revolucionária, que de marginal se torna socializada e compreendida por todos.

Sem dúvida, a teoria é um saber complexo e que não surge da experiência cotidiana como a consciência fenomenológica. A consciência teórica, no entanto, embora também use elementos das ideologias passadas quando for necessário e útil para seu próprio desenvolvimento, não terá o conflito interminável de ideias e ideologias. Além disso, os seres humanos utilizarão pouco tempo para o processo de produção de bens materiais, ficando livres para o desenvolvimento da criatividade e das capacidades intelectuais. Os escapismos e evasão não serão mais necessários e, sem dúvida, a leitura e a formação intelectual serão valoradas e ocupará um espaço considerável na vida

cotidiana dos indivíduos, o que cria as condições de possibilidade da socialização do saber teórico.

As necessidades sociais também serão fortes incentivos aos indivíduos produzirem e socializarem a teoria e, ao lado disso, com o fim dos direitos autorais comerciais e com a substituição da competição pela solidariedade, a humanidade inteira se tornará um intelectual coletivo a serviço das necessidades humanas, o que significa uma ampliação e desenvolvimento nunca vista da consciência humana e do saber teórico, bem como do técnico. Ao lado disso, o desenvolvimento das artes e outras formas de manifestação das potencialidades humanas permitirá um desenvolvimento harmônico e, como já proposto por Marx, onilateral dos seres humanos, que poderão pescar, produzir arte e teoria sem ter que ser sacrificar algumas de suas potencialidades.

Em síntese, a teoria revolucionária atual, desde Marx até nós, é uma antecipação do saber complexo da sociedade do futuro, um embrião do saber futuro e da sociedade do futuro. Ela hoje é combatida e marginalizada, mas tende a se fortalecer e ampliar com as lutas proletárias radicalizadas e, nos momentos revolucionários, se espalha pela sociedade e realiza sua fusão com o movimento da grande maioria da população na autogestão de suas lutas, até que, tornando-se “força material” (Marx), se concretiza e torna a forma de saber complexo que faz parte da nova sociedade, constituindo suas bases intelectuais, já que em pleno acordo com os novos valores, objetivos, relações, de uma sociedade humanizada.

Portanto, a recusa da teoria em certos círculos militantes é apenas o abandono do caráter revolucionário da luta, pois serve para enfraquecer o proletariado e seus aliados e fortalecer os seus inimigos. Quanto mais consciente o proletariado e o movimento revolucionário, mais difícil será manipulá-los, mais certa será sua luta e estratégia. Nesse sentido, a teoria é, ela mesma, um embrião da futura sociedade e, por conseguinte, inseparável do projeto revolucionário e da revolução proletária.